Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia

Conversando sobre abuso sexual

Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde

Coordenação:
Profª. Drª. Dorian Monica Arpini
Departamento de Psicologia da UFSM

Profª. Drª. Aline Cardoso Siqueira
Curso de Psicologia da UNIFRA

Equipe de Pesquisa:
Sabrina Dal Ongaro Savegnago
Acadêmica de Psicologia - UFSM,
Bolsistade Iniciação Científica FIPE

Vanessa Limana Berni
Acadêmica de Psicologia - UFSM,
Bolsista de Iniciação Científica Pibic/CNPQ

Programação visual e fotografias:
Ana Júlia Vicentini - Desenhista Industrial
Acadêmica de Psicologia - UFSM

Agradecimentos:
À Instituição que favoreceu a realização desta pesquisa, bem como às meninas dessa Instituição pela participação e significativa contribuição neste trabalho; à universidade pelo apoio recebido.

Núcleo de estudos Interdisciplinares em Saúde
Departamento de Psicologia
Rua Floriano Peixoto 1750, 3º andar
CEP: 97015-372
Santa Maria – RS
Tel: (55) 3220-9231
E-mail: grupo-pesquisa-violencia-sexual@googlegroups.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Conversando sobre abuso sexual

NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM SAÚDE

SANTA MARIA
2010

APRESENTAÇÃO

Esta cartilha, elaborada por um grupo de pesquisa vinculado ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde da Universidade Federal de Santa Maria, vem falar de um tema que é frequentemente silenciado pela sociedade: o abuso sexual. Tal iniciativa nasce de uma pesquisa intitulada "Violência Sexual: o olhar de adolescentes", sendo construída a partir das falas das meninas participantes do estudo.

Partimos da perspectiva de que este material possa auxiliar e se constituir em um instrumento de reflexão, discussão e debate acerca deste tema que deixa marcas profundas nas crianças e adolescentes vítimas, bem como em suas famílias.

O silêncio que circunda as situações de abuso cumpre a função de manutenção da dinâmica abusiva e, consequentemente, prolonga o tempo de duração da violência. Dessa forma, precisamos, para enfrentar tais situações, poder escutar e facilitar a fala, para que possamos construir uma sociedade mais protetiva com relação às nossas crianças e adolescentes.

Não podemos deixar de agradecer a contribuição das adolescentes, que com sua espontaneidade, seu conhecimento e suas vivências se dispuseram a estabelecer uma troca com a equipe de pesquisa. Assim, elas nos permitiram trabalhar estas informações junto ao conhecimento cientificamente produzido, integrando-os de forma a podermos falar com mais propriedade ao conjunto de adolescentes que compõem nossa sociedade.

Esperamos ter conseguido trazer a riqueza do material produzido pelas adolescentes e desejamos imensamente que este possa efetivamente ajudar a rompermos com o silêncio que serve apenas para mascarar que tudo está bem e permitir que tudo siga como está. Portanto, falar e escutar parecem ser palavras especiais na superação desta forma abusiva de violência contra crianças e adolescentes.

Dedicamos esta cartilha em especial às crianças e adolescentes. Às participantes co-autoras deste material, o nosso muito obrigado.

INTRODUÇÃO

Embora possamos afirmar que a violência faça parte da história da infância, também é correto afirmar que sempre existiram formas de violência não legitimadas e, portanto, "não aceitas" pela sociedade. O abuso sexual se constitui numa dessas formas de violência repudiadas, e por isso mesmo muitas vezes dissimulada e silenciada, produzindo marcas e traumas profundos.

Estamos sem dúvida em um momento de tomada de consciência acerca dos cuidados com as crianças e adolescentes e do lugar especial que ocupam em nossa sociedade. Nesse sentido, a compreensão das situações que envolvem violência é fundamental para que possamos romper com os pactos que servem à sua manutenção.

Esta cartilha resulta de um estudo realizado por uma equipe de pesquisa e se fundamentou na necessidade de um aprofundamento do conhecimento acerca do tema, a partir do contato com adolescentes. A pesquisa foi realizada em uma instituição não governamental da cidade de Santa Maria que desenvolve projetos sociais junto a adolescentes. Foram realizados grupos focais com meninas de 12 a 16 anos, nos quais foram debatidos os eixos centrais no estudo: em que se constitui o abuso sexual, porque acontece, onde, quem são os autores, o que acontece com as vítimas, necessidade de informação e quem pode ajudar. Os eixos abordados nos grupos estão presentes na organização da cartilha que apresentamos.

Tal pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, nº 0005.0.243.000-09.

Dentre as formas de enfrentamento do abuso sexual, podemos destacar a importância da escuta, da credibilidade da palavra da vítima, da proteção e dos cuidados psíquicos e sociais necessários à elaboração da situação. Por fim, mas não menos importante, a responsabilização dos autores.

Sabe-se que são vários os preconceitos que dificultam estas formas de enfrentamento. Sabemos que muitas crianças são acusadas de se adaptar à situação abusiva, são questionadas pela revelação tardia que muitas vezes coloca em dúvida a veracidade do relato, e outras pela própria retratação que a criança faz, ao negar ou distorcer a revelação feita anteriormente.

Nesse sentido, faz-se importante reconhecer que uma primeira revelação nem sempre resultará na saída da situação abusiva ou no fim da violência, caso não se dê a ela a importância necessária para acionar a rede.

É sem dúvida visando atingir estes objetivos que esta pesquisa se realizou e que este material se destina, esperando que possamos todos estar atentos e presentes, exercendo nosso papel na ampliação das ações que levam ao combate desta forma de violência.

O QUE É ABUSO SEXUAL?

Que a pessoa se aproveita da outra, né, que tem a fraqueza a mais, é mais fraca que ele, né. (M, 14 anos)

Pega a força e querer fazê coisas horríveis. (H, 14 anos)

Ou às vezes até faze coisas que uma criança ou, às vezes, até um adolescente não gosta, porque uma pessoa tá desrespeitando os direitos da outra criança. (L, 12 anos)

Tem gente que quer se aproveitá do outro. (X, 14 anos)

Pra mim, assim, pessoas que abusam quando a gente não qué faze uma coisa e tipo obriga. (AC, 12 anos)

Foi forçada. (W, 14 anos)

Violência assim quando a gente fala, é mais assim aquela parte de machuca a pessoa, assim, mas eu acho que abuso sexual é aquela parte que machuca não só fisicamente, mas também moralmente. (K, 13 anos)

Abusar é sim ultrapassar limites. Dessa forma, toda situação de abuso implica que houve uma transgressão e, por isso, podemos afirmar que houve uma violação de direitos. Essa violência implica no uso abusivo do grande ou forte sobre o pequeno, do adulto/adolescente sobre a criança e no uso distorcido da sexualidade. Nesse sentido, é importante atentarmos para as profundas implicações que essa transgressão provoca, indo muito além do contato físico.

O abuso sexual é resultado de um jogo construído de maneira sedutora, que envolve a criança e/ou adolescente. Estes encontrarão muita dificuldade em sair dessa relação desigual na qual, somadas às fragilidades da infância e da adolescência, estará presente a idéia de que fizeram ou se envolveram em algo errado[1].

Quando é com uma criança ou com adolescente. (...) Uns vinte e poucos anos pra uma criança de 12, ou às vez de menos. (L, 12 anos)

Um adulto e uma criança. (F, 13 anos)

Eu acho que é um maior de idade abusando de um menor de idade, assim. (U, 12 anos)

É importante chamarmos atenção para a diferença de estágios do desenvolvimento a ser considerada entre a criança e o autor da violência sexual, pois é este aspecto que nos permite distinguir a violência dos jogos sexuais entre crianças e/ou adolescentes. Assim, para facilitar nossa compreensão, considera-se abuso quando houver:

- diferença de 5 anos entre vítimas e autores, quando envolve vítimas com menos de 12 anos;
- diferença de 10 anos, quando envolve vítimas entre 13 e 16 anos.

Destaca-se, contudo, que a idade não é o único critério a ser avaliado. É importante ter presente o uso abusivo da força física e a relação de autoridade que ultrapassa os limites[2].

ABUSAR É SIM UMA FORMA DE VIOLÊNCIA!

A VIOLÊNCIA SEXUAL OCORRE...

Nas relações extrafamiliares...

(...) essa guria que a mãe dela tinha ido lá prestá queixa na delegacia, ela tinha sido abordada na rua, por um cara. E... esse cara levou ela pro mato, e... fez tudo o que ele tinha que fazê com ela e depois largô ela. (S, 14 anos)

Eu já ouvi assim (...) sobre uma menina que vendia salgadinho, sabe? E daí o homem pegô e chamô ela pra dentro da casa dela que ele disse que ia pagá ela, né, daí ela era uma criança, foi lá achando que ele ia pagá ela. Ele trancô a porta e abusô dela dentro de casa, daí depois ela ficô, não sei se ela já saiu do hospital... (L, 12 anos)*

Eu vi um caso também, que uma menina, o vizinho (...) e ele agradava ela com esses brinquedos que ele fazia. (...) Daí teve uma vez que ele levô ela lá pra casa dele pra mostrá um jogo que ele tinha feito e abusô dela, daí ela ficô, escondeu da mãe dela um bom tempo, né, daí o cara tinha ido embora dali já, né, tava... e foi embora, daí ela pegô e contô, contô pra mãe dela, depois que ele tinha ido embora. (O, 12 anos)

Aqui na nossa conversa assim, não sei de quanto tempo, já deu não sei quantos casos, e eu ainda tô com dois na minha mente. (K, 13 anos)

(...) assim, ele tava, sempre brincava com a irmã dele e coisa, e um dia ele tava saindo assim na rua, daí um homem pegô e tipo sequestrô ele (...) levô o gurizinho pra casa dele, né, e a guriazinha sabia onde que era e daí ela foi lá, chamô a mãe dela e coisa. (...) daí quando chegaram assim, daí o homem não tava mais e o gurizinho tava todo, tava cheio de sangue. (Y,13 anos)

A violência extrafamiliar acontece quando a relação entre autor e vítima não inclui vínculos familiares, podendo ser uma pessoa conhecida ou desconhecida da criança.

*O termo foi substituído para preservar a identidade da menina referida pela participante.

Nas relações intrafamiliares...

Eu não me lembro aonde, mas que um pai mantinha uma filha tipo num porão numa casa. E aí ele teve vários filhos com essa mulher e começou a levar esses filhos pra casa dele, com a mulher. Depois matô as crianças. (...) Passou no Fantástico já, passou no jornal. (...) Acho que ela não viveu a melhor vida do mundo, porque ela foi submetida muitas vezes a não comer, porque ela foi submetida a ter filhos com o pai dela. (D, 14 anos)

(...) a menina foi abusada dentro de casa pelo padrasto, daí ela ficô grávida, ficô grávida, a mãe dela não quis ela dentro de casa por causa, de medo do padrasto, daí mandô ela pra esse abrigo. (W, 14 anos)

(...) o irmão dela quis dormi junto, né, daí ele abusô dela. Ela disse que ele abaixô as calça dela e tentô pegá ela (...) daí ela não queria me falá (...) daí eu falei o que que houve, né pra ela bem assim, o que que houve, daí ela disse, daí ela começô a chorá (...) chorava, chorava e falô que o irmão tentô pegá ela, daí ela ficô lá em casa. (F, 14 anos)

(...) ele foi estuprado pelo pai dele e daí a irmã dele contando pra nós, né que um dia ela foi posá na vizinha dela, né e posô só ela, o menino e o pai dele, em casa. Daí ela ouviu um grito, daí eles foram lá vê o que que era, daí ela disse que viu o padrasto dele, o pai dele em cima dele. Daí o pai dele ficô preso. (AC, 12 anos)

Quando a violência envolve as relações familiares (pai, padrasto, tio, primo, irmão, mãe, avós, entre outros), as sensações de sofrimento e desamparo são intensificadas, uma vez que aquela pessoa de quem a criança esperava cuidado e proteção transforma-se numa ameaça sempre presente. Esse sofrimento, associado ao medo e à vergonha pelo envolvimento com a situação abusiva, silenciam a criança.

AS VÍTIMAS SE SENTEM...

(...) ela já sofreu abuso sexual. E agora ela... tá... ela entrô em depressão, ela tá num estado crítico, ela não qué conversá com ninguém (...). Uma vez ela tentô se atirá da janela pra se matá, e... não queria deixá ninguém entrá no quarto dela. Depois a mãe dela descobriu o que tinha acontecido com ela. (S, 14 anos)

Pra mim elas devem se sentir mal, porque é uma coisa que elas não querem fazê, ainda mais porque isso é ruim, né, pra elas, ainda mais que elas são crianças, elas não sabem nem o que tá acontecendo. (L, 12 anos)

"Muitas vezes... tem medo de se relacioná com outras pessoas". (H, 14 anos)

Às vezes com vergonha também, porque ela não tem, não tem tipo, de uma liberdade, não tem um jeito certo pra ela falar que foi abusada. Tipo as crianças, não tem como elas falarem. (F, 13 anos)

Ela vai tê, pode tê algum trauma, né, pode não querê estudá, por exemplo, né, por causa que se alguém fica sabendo e conta, ela não vai querê sai de casa. (O, 12 anos)

O isolamento apontado pelas adolescentes não constitui uma forma de esquecimento. Portanto, para sair dessa realidade instalada pela violência, é preciso sair do isolamento, ou seja, encontrar apoio, afeto e proteção.

Crianças e adolescentes não podem assumir para si a responsabilidade pelas falhas na constituição psíquica dos adultos, sejam eles pessoas com vínculos familiares ou não.

Não podemos depositar nas crianças e adolescentes a tarefa de se defenderem sozinhos daqueles que cometem violência.

O silêncio e o isolamento alimentam essa situação. Assim, precisamos rompê-los, criando as condições para que as vítimas possam falar e ser escutadas.

[A vida] foi muito marcada. (...) Pelo fato que aconteceu com elas, né, não era uma coisa que nenhuma guria quer que aconteça com ela. É uma coisa muito... ruim, muito difícil, ela nunca vai apagá isso da memória. (B, 14 anos)

Não tem conserto. (N, 12 anos)

Eu acho que é um trauma pra criança, porque se ela foi forçada a fazê isso, algo que ela não qué, ela vai acabá sendo prejudicada, ela pode se machucá, como a N. falô, ela pode apanhá pra fazê, então ela vai ficá com medo, como a N. disse de casá, né, daí ela vai ficá com trauma. Se ela foi forçada a fazê coisa que ela não qué, se um homem fez com ela, ela acha que todos podem fazê também. (O, 12 anos)

Às vez com pânico, né, às vez não qué, se, por exemplo, se não qué mais sai de casa. Se for passa por um homem, assim, não qué. Porque às vezes ela fica com medo, porque se um dia acontece isso com ela, ela vai pensá que vai acontece de novo, então ela fica com pânico, não que mais sai de casa, por exemplo assim. (T, 12 anos)

Pode sê um trauma na vida que pode estragar pro resto da vida... (X., 14 anos)

(...) agora ela deve tá assim... com muita dor quando ela fica pensado que o pai, o pai que viu ela nascer, que junto com a mãe dela teve ela... depois fazê isso com ela. Deve ser um pensamento muito difícil, deve pensar o que que eu fiz, o que eu fiz pro meu pai chegar ao ponto de fazê isso comigo, de chegar ao ponto de não me tratar mais como filha, né. (D., 14 anos).

Na perspectiva das adolescentes, a situação de abuso sexual será sempre traumática. É importante reconhecer que o silêncio cumpre uma função central na manutenção dessa situação. Nesse sentido, "o segredo" compartilhado pela vítima e autor é intensificado pela relação ameaçadora e culpabilizadora na qual a criança e adolescente estão envolvidos.

O trauma é entendido pelo uso distorcido da sexualidade. É sempre do adulto que se espera o cuidado em relação ao que está em desenvolvimento na criança e também do direito que ela tem de construir sua sexualidade de forma protegida. Assim, a responsabilidade não pode ser compartilhada pelo agressor e pela vítima. Não devemos, portanto, procurar na conduta da criança ou adolescente algo que teria dado origem ao fato.

Destaca-se que a elaboração da situação traumática será possível a partir da revelação que a vítima faz. Esta revelação abre a possibilidade de inserção na rede de atendimento, que vai possibilitar o trabalho terapêutico.

POR QUE O SILÊNCIO?

(...) porque o pai dela também poderia tá forçando ela e ameaçando ela de morte,ou a mãe dela... (S, 14 anos)

[O abusador] ameaça pra não contá pra ninguém. Ou é um familiar, aí ela fica com medo de contá e perdê a família. (H, 14 anos)

Pra não gerá briga, sabe, entre a família. (K, 13 anos)

(...) ele [um menino que havia sofrido abuso] dizia que não era pra falá pra ninguém senão a mãe dele iria morrer. A mãe... a mãe dele e o irmãozinho mais novo iriam morrer. Aí ele não contava nada pra ninguém. (N, 12 anos)

Ou às vezes é assim ó, se for um pai e o pai bebe, daí ele faz isso né. E a criança tem medo de contá pra mãe porque sabe que o pai dá na criança e dá na mãe junto, né, então ela fica quieta no canto dela pra não vê a mãe dela apanhá, né, por isso, então. (L, 12 anos)

O medo de represálias por parte do abusador é um dos aspectos que levam ao silêncio, pelo temor de que sejam cumpridas as ameaças de morte e de violência dirigida aos seus familiares, como mães e irmãos. Há ainda o medo da destruição ou perda da família em decorrência da revelação, seja através da punição e do afastamento do agressor ou mesmo do afastamento da vítima, que poderá receber uma medida protetiva de acolhimento institucional.

O silêncio é traumático. Não permite a elaboração nem a saída da situação de violência. A revelação é o tempo da ruptura. Esta é muito importante, pois o silêncio pode tranquilizar as coisas, mas ele não indica que tudo esteja bem. Pelo contrário, ele permite a continuidade da situação e alimenta as ameaças decorrentes da situação que se instala e que clama pelo segredo.

Várias vezes não conta, porque às vezes ficam medo, ou às vez, muitas vez os pais não acreditam realmente. (S, 14 anos)

Às vezes, por falta de conversa com os filhos, porque muitas mães não conversam com os filhos, não vão perguntar o que que tá acontecendo com ele. (F, 14 anos)

Tem mães que tipo não dão bola, que tipo acham que a criança tá mentindo ou outra coisa. (Y, 13 anos)

E muitas vezes essa pessoa é alguém que a família conhece, né. (AB, 13 anos)

As adolescentes acreditam que a maioria das vítimas não revela que foram abusadas sexualmente por sentirem vergonha e temerem a reação dos pais. Além disso, há casos em que os pais não acreditam na palavra da criança ou adolescente. Assim, a criança aparece duplamente como vítima: dos abusos sexuais e da incredulidade dos adultos[3].

A revelação produz um impacto no ambiente familiar e no círculo mais próximo da criança. No ambiente familiar, pela possibilidade de fragilização e desmembramento das relações entre o grupo. No círculo mais próximo, pelo impacto e estigma que tais situações produzem.

Para a família, pela proximidade com a situação, pode ser difícil escutar a revelação, razão pela qual podem inicialmente não dar sentido às falas reveladoras das crianças ou adolescentes vítimas. O temor e o medo de rupturas que podem advir da confirmação da situação levam muitas vezes a "não reconhecer" os sinais que lhes são comunicados pelas vítimas.

É importante reconhecer a fragilidade da criança e, nesse sentido, é possível compreender porque ela se cala.

QUAL O LUGAR DA FAMÍLIA?

Não ia dá tempo nem de falá, já ia dizê "mãe to grávida", a minha mãe ia achá um absurdo, que eu fiz porque eu quis, entende. (K, 13 anos)

A fragilidade da família:

Tem vez que leva na esportiva... (...) Assim, como um... como um... uma brincadeira, uma coisa assim. As crianças tem vez que a maioria dos pais, tem umas que não acreditam na, no que que a pessoa, na criança tá falando, né, leva na brincadeira. (M, 14 anos)

(...) não fala com a gente sobre sexualidade, mas eu acho que isso que tá errado. Que não entende a gente direito. (F, 14 anos)

(...) elas [mães] não procuram entender o que a gente quer, porque, às vezes, elas não conseguem entender os nossos sentimentos, né. (L, 12 anos)

E a mãe às vezes, ela sabe o que acontece, mas ela não qué sabê. (AB, 13 anos)

Têm muitas vezes também... que ela [a mãe] sabe tudo, mas ela tem medo, tem medo de contá alguma coisa, porque ele [o agressor] pode até ameaçá, ameaçá família, né. Porque se ela tivé um filho ele pode até matá ou coisa assim. (B, 14 anos)

As falas indicam as dificuldades familiares em lidar com a situação e o desamparo que produzem. É importante destacar que, embora a situação abusiva seja difícil de ser enfrentada, os familiares precisam reconhecer que o esquecimento não é possível, nem se converte em solução para a situação traumática instalada pelo abuso.

Não se pode "esquecer" ou simplesmente "apagar" uma vivência de tal impacto e sofrimento. Esse pedido muitas vezes demandado para a vítima a faz sentir-se co-responsável pela situação, deslocando os lugares de quem é autor e de quem é vítima.

Eu acho que ela também muita vez vai pensá que filha qué roubá o marido dela, alguma coisa desse tipo. (D, 14 anos)

(...) deixa, deixam eles fazê, né. Mas tem muita mãe que sofre com isso, porque nenhuma mãe qué isso pra um filho. Muitas vezes eles ameaçam. Falam que vai acontecê isso e aquilo e é difícil também pras mães, não é bem assim. (B, 14 anos)

Ou se não, se não a mãe pode pensá assim ó, "ai, tu só me conta agora", por exemplo, dali uns seis meses, dali um tempo, ela pode pensá que tu gostô, né. Pode ter gostado se tu não conta na hora. (O, 12 anos)

Às vezes também a pessoa que abusa, exemplo o pai, o pai abusa, daí a mãe não trabalha, tem um montão de filho e daí o pai sai prá trabalhá, daí ela pensa assim "bah, eu sei que ele abusa, mas se eu falá ele vai sai de casa e daí, como é que vai ficá?". (AB, 13 anos)

(...) a menina foi abusada dentro de casa pelo padrasto, daí ela fico grávida, (...) e a mãe dela não quis ela dentro de casa porque preferiu o padrasto do que ela dentro de casa. (W, 14 anos)

O abuso sexual é praticado, na maioria das vezes, pelo pai ou padrasto, mas também por outros parentes, como tios e amigos da família.

Nesses casos, as mães são peças-chave no enfrentamento da violência. Mesmo que elas não sejam necessariamente as autoras do abuso sexual, de alguma forma encontram-se envolvidas, seja como vítimas ou testemunhas dessa situação.

As mães, muitas vezes, não agem em favor da proteção da vítima no momento da revelação, ou ainda, ficam ao lado do companheiro/marido. Isso pode acontecer em decorrência do medo das mães de perderem o companheiro e do fato delas terem mais intimidade com o companheiro/marido do que com os próprios filhos.

(...) a mãe, pelo menos ela tinha que denunciar esse pai ou padrasto que for, denunciá e pegá e se afastá dele e pegá a criança (...). Tirar a criança, porque às vezes ele fica com raiva da mãe e quer mata a mãe, por causa que mandô ele ser preso. (L, 12 anos)

Embora as meninas reconheçam a fragilidade da família, elas entendem que a família deveria garantir proteção, fazendo a denúncia. **Será necessário um adulto capaz de ocupar esse lugar.**

NECESSIDADE DE INFORMAÇÃO:

(...) sobre violência sexual eu acho que, eu acho que todo mundo tem vergonha de falar sobre isso, por causa que na mídia não aparece. Daí eu acho que tinha que ter mais informação (...) Eu acho que tinha que ter palestras. No colégio, principalmente, porque assim, no colégio nem ensinam, nem ensinam sobre isso. (F, 14 anos)

Eu acho que tinha que ser, que nem ela falô, no colégio, porque se os filhos aprendem no colégio, eles vão poder levar essa informação que eles aderiram, né, pra mãe, pro pai, pros amigos também. (...) Que nem a sora fala que isso a gente tem que levar de boca em boca até todo mundo aprender sobre isso. (L, 12 anos)

Precisa da ajuda de alguém, principalmente pra falá, pra conversá, pra desabafá, pra vê se ela consegue erguê a cabeça e seguir em frente, tentá mudá. (Z, 14 anos)

Sei lá, tipo montá um grupo que pudesse ajudá elas assim, conversá com elas... (...) Tentá busca ajuda, né, com um amigo, né, no colégio... (...) Se o professor tipo souber, assim, tá olhando o que tá lá fora, ele pode até tentá ajudá. (V, 14 anos)

As adolescentes indicam a necessidade de mais informação. Pode-se compreender tal demanda, uma vez que, como já foi apontado, o tema do abuso sexual é um tema silenciado. Assim como a vítima, o autor ou os familiares silenciam, a sociedade de maneira geral parece também partilhar deste pacto.

Nesse sentido, parece importante que, no momento em que a sociedade toma consciência da importância de enfrentar tais violências, possamos estar mais abertos para contemplar a demanda das adolescentes de estabelecer mais diálogo e conversação em relação ao tema. Esta abertura poderá ter um efeito preventivo, possibilitando o conhecimento da dinâmica que se estabelece, assim como dos caminhos que podem inibir a situação abusiva ou pôr fim a uma situação violenta que tenha se instalado.

QUEM PODE AJUDAR?

(...) eu acho que tem que sê gente que entenda a gente, porque os nossos, as pessoas da nossa família, muitas vezes, não entendem a gente, assim, tipo psicólogas entendem o que a gente quer falar, daí as mães da gente não entendem. (F, 14 anos)

Eu acho que a psicóloga também ajuda bastante nesses caso, porque tem pessoas que não tem coragem de contá pros pais e tem coragem de contá pros psicólogo. Que não contam pros pais, guardam em segredo. Ou pra uma amiga. (O, 12 anos)

(...) contando pras amigas, as amigas podem falá pra outras pessoas de maior, né, que podem... ajudar. (H, 14 anos)

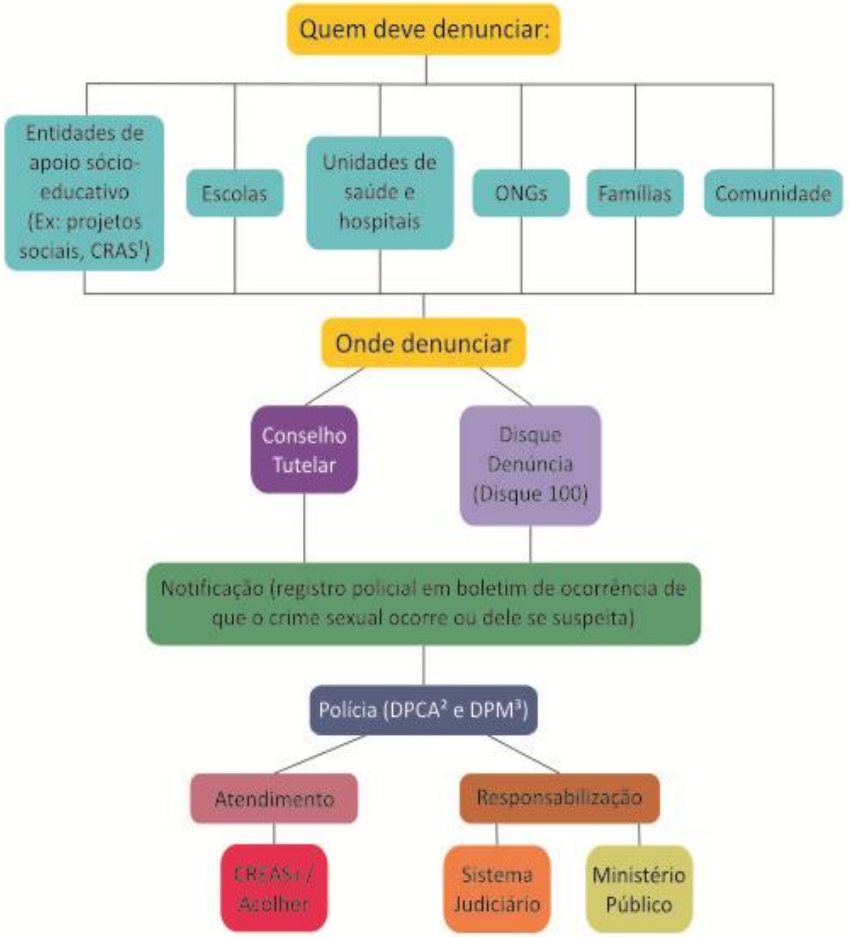
Tentá mostrá pra elas que a vida não é só aquilo, que existe pessoas que querem ajudá, pessoas que gostam dela de verdade, né, que não querem, né, alguma coisa ruim pra ela, né, que querem ajudá, que querem que ela melhore, que ela tente pelo menos esquecê um pouco o que aconteceu, tantas marcas pra vida dela... (D, 14 anos)

Um professor, um irmão talvez que tenha a cabeça no lugar... (V, 14 anos)

As falas evidenciam a importância de receber ajuda, de encontrar alguém capaz de compreender o sofrimento e o conflito decorrente da situação, de alguém capaz de acolher, capaz de escutar e entender. Nesse sentido, destacamos o papel central das escolas e dos profissionais da saúde e do serviço social nesse auxílio. Que estes possam cada vez mais ocupar esse lugar estratégico diante das situações de violência sexual.

Sabe-se que as escolas e serviços de saúde são os locais que mais recebem revelações de abuso sexual. Esta afirmação aponta para a importância destes na rede de enfrentamento às violências sexuais. Que as falas das adolescentes reacendam em todos nós a nossa capacidade de estarmos presentes quando tais situações emergirem e que, dessa forma, concretizemos a nossa possibilidade de ajuda.

FLUXOGRAMA DE ATENDIMENTO E PROCEDIMENTOS NO CASO DE VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA CIDADE DE SANTA MARIA



[1] CRAS: Centro de Referência e Assistência Social
[2] DPCA: Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente
[3] DPM: Delegacia de Proteção à Mulher
[4] CREAS: Centro de Referência Especializado de Assistência Social

CONTATOS

Disque-denúncia nacional de Abuso e Exploração de crianças e adolescentes: disque 100

Acolher/CREAS:
(55) 3026-6424

Conselho Tutelar Centro:
(55) 3223-3737

Conselho Tutelar Leste:
(55) 3217-7790

Conselho Tutelar Oeste:
(55) 3212-5410

Delegacia de Polícia:
(55) 3223-7199

Delegacia de Proteção à Criança e adolescentes (DPCA):
(55) 3221-0450

Delegacia de Proteção à Mulher (DPPM):
(55) 3222-9646

Juizado da Infância e da Juventude:
(55) 3222-8888

Ministério Público:
(55) 3222-9049

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se a importância da família em todo processo de enfrentamento da violência sexual. Queremos enfatizar o quanto o apoio e o vínculo familiar serão fundamentais e necessários para a superação da violência. É importante que os pais e demais familiares ocupem e assumam este lugar especial que a relação com seus filhos lhes garante.

Para além da família – principal e central fator de proteção – se encontram os profissionais da saúde, da educação e do serviço social, numa posição estratégica para detectar riscos e possíveis vítimas dessa forma cruel de violência. É importante que estejamos atentos e preparados para lidar com estas situações. Que os profissionais estejam com a escuta ativa, apurada, a fim de que não haja negligências diante de possíveis sinais que comunicam uma situação abusiva.

Das crianças, e em especial dos adolescentes, sabemos que a trama é complexa e delicada. Contudo, surge o momento em que a sociedade se organiza para apoiá-los, oferecer-lhes um adulto em quem possam confiar, pedir ajuda para sair da situação de violência, do pacto de segredo e silêncio que o abuso instala.

Estamos nos propondo a aumentar a proteção e o atendimento para que o tempo em que ocorre a violência original (primeira) e a revelação seja o menor tempo possível. Ou que, quando da suspeita de uma relação de sedução erotizada, a criança possa recorrer ao adulto que será capaz de escutá-la e dar-lhe amparo.

Por fim, precisamos sempre efetivar a responsabilização dos autores, pois a descrença neste processo alimenta o silêncio e a continuidade da situação. Que estejamos dispostos a assumir a nossa responsabilidade pelo compromisso que devemos ter com as crianças e adolescentes presentes em nossa sociedade. Que tenhamos a clareza de nosso dever de acionar a rede aqui apresentada, sempre que estejamos próximos ou envolvidos em uma situação de violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] GABEL, M. **Crianças Vítimas de Abuso Sexual.** São Paulo: Summus, 1997.

[2] GONÇALVES, H. S. Violência contra a criança e o adolescente. In: BRANDÃO, E.; GONÇALVES, H. **Psicologia jurídica no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: NAU, 2005. p. 277-307.

[3] LAMOUR, M. Os Abusos Sexuais em Crianças Pequenas: Sedução, Culpa, Segredo. In: GABEL, M. (Org.). **Crianças Vítimas de Abuso Sexual.** São Paulo: Summus, 1997. p. 43-61.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei Federal 8.069/1990. Brasília, 1990.

BRASIL. **Violência intrafamiliar:** orientações para prática em serviço. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 2001. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf. Acesso em julho de 2010.

BRASIL. **Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde:** um passo a mais na cidadania em saúde. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde, 2002. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/cartilha_notificacao_maustratos.pdf. Acesso em julho de 2010.

FALEIROS, E. (Org.). **O abuso sexual contra crianças e adolescentes: os (des)caminhos da denúncia.** Secretaria Especial dos Direitos Humanos Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente. Brasília, 2003.

IPPOLITO, R. (Coord. Técnica). **Guia escolar:** método para identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2003. Disponível em: http://www.direitosdacrianca.org.br/midia/publicacoes/guia-escolar-metodos-para-identificacao-de-sinais-de-abuso-e-exploracao-sexual-de-criancas-e-adolescentes. Acesso em julho de 2010.

O grupo de pesquisa Estudos Interdisciplinares em Saúde, em sua linha de pesquisa Saúde da Criança e do Adolescente desenvolve estudos acerca das diferentes formas de violação de direitos contra a criança e o adolescente. Através do trabalho de pesquisa, tem como objetivo aprofundar a compreensão do referido tema, bem como subsidiar intervenções na área das políticas públicas para a infância e a adolescência.

Este grupo desenvolve projetos relacionados a adolescentes em situação de rua e em medida de proteção em Instituições de Acolhimento Institucional, trabalhando temas relacionados ao vínculo estabelecido entre crianças, adolescentes e suas famílias.